

2. Fernando Pessoa e sua relação com a língua inglesa

*Eu não sei porquê,
Meu desde donde venho,
Sou o ser que vê,
E vê tudo estranho.*
Fernando Pessoa

Fernando Pessoa, tendo sido criado em Durban, colônia inglesa na África do Sul, para onde sua família se transferira devido ao fato de seu padraсто haver sido nomeado Cônsul de Portugal, recebeu sua educação inicial em língua inglesa. Sua assimilação da nova cultura se deu por completo, como não poderia deixar de ser, uma vez que fora transplantado para essa terra estranha numa idade muito propícia, aos sete anos. Aluno brilhante e sempre voltado às letras, naturalmente demonstrou, desde o início, interesse pela literatura de língua inglesa. Além disso, em sua época, a hegemonia do mundo pertencia à Inglaterra, e Portugal, embora possuísse algumas colônias, era um país de importância secundária que, como outros países da Europa, se curvava ao colonialismo britânico.

Seu primeiro poema em inglês foi escrito aos treze anos quando ainda era estudante, e Charles Robert Anon e Alexander Search figuram entre os primeiros heterônimos por ele utilizados enquanto ainda jovem. A escolha desses nomes revela, desde então, as características de indefinição e busca, que revelaria mais tarde em seus heterônimos da maturidade, uma vez que “Anon” e “Search” significam, respectivamente, “anônimo” e “busca”.

Ademais, o bilingüismo de Pessoa pode também ter sido um dos fatores que ensinaram o seu desdobramento em heterônimos, uma vez que as pessoas que experimentam uma vivência cultural inserida em duas culturas diversas, se por um lado enriquecem sua visão do mundo, por outro, têm sua identidade afetada e vivem numa espécie de mundo paralelo que propicia uma tendência à indefinição e ao deslocamento.

Parece-nos também interessante lembrar que em fevereiro de 1904, Fernando Pessoa, com apenas 15 anos, recebe, ainda em Durban, o prêmio “Queen Victoria Memorial Prize”, destinado ao melhor ensaio em exames de matrícula na Universidade do Cabo, concorrendo com outros 898 candidatos. O prêmio monetário deveria ser

transformado em livros ao gosto do premiado. Apesar de ainda adolescente, escolhe as obras completas de Ben Jonson, as *Vidas dos Poetas* de Dr. Johnson, além das obras poéticas de John Keats, Tennyson e Edgar Allan Poe – escolhas nada vulgares para sua idade e que já definem seu refinamento literário e o escritor em potencial que se revelaria mais tarde.

Georg Rudolf Lind, no prefácio do livro *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*,⁴⁴ menciona a importância que a língua inglesa teve na formação e caráter do poeta, quando afirma que: “as poucas notas realmente autobiográficas datam, quase todas, da primeira mocidade (e foram, por isso escritas em inglês), quando o jovem andava a procura do seu destino”. Destino esse que, como bem se sabe hoje em dia, foi inteiramente traçado para compor o desenho de uma obra magistral, e em muitos aspectos insondável, acolhida em todos os cantos do planeta.

Maria da Encarnação Monteiro também reafirma esse mesmo aspecto em seu livro *Incidências inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*⁵, ao dizer:

Vem 1914, o “ano triunfal” da criação literária de Poeta – e Alberto Caeiro, o Mestre, e Álvaro de Campos, “engenheiro sensacionista”, não podem negar as fundas afinidades na expressão e em algumas facetas do conteúdo ideológico, com o poeta-cosmos, Walt Whitman, “filho da poderosa Manhattan”, o assombroso representante do ideal dionisíaco em literatura.

Um outro argumento que nos parece relevante é o de que a língua inglesa serviu a nosso poeta como meio de subsistência, uma vez que ele se mantinha com as traduções de correspondências para empresas de importação e exportação. Além disso, são famosas as inúmeras traduções literárias feitas por ele de obras de autores renomados como *The Scarlet Letter*, de Hawthorne, e de contos e poemas de Edgar Allan Poe, entre outros, além de ter vertido poemas de Camões para o inglês. Obras esotéricas de grande importância também se incluem em sua produção como tradutor, como *A Clarividência*, de Anne Besant, e *A Voz do Silêncio* de Helena Blavastsky. Pode-se acrescentar, de passagem, que todas essas obras tiveram também grande importância em sua criação poética.

⁴⁴ PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Lisboa: Edições Ática. p. XIII, 1966.

⁵ MONTEIRO, Maria Encarnação. *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1956, p. 24.

Em suas leituras, vários autores ingleses aparecem entre seus favoritos, como Shakespeare, Milton, Matthew Arnold, Francis Bacon, Robert Browning, Charles Dickens, para citar alguns. Além disso, Pessoa produziu extensa obra escrita em inglês: os “35 sonnets” em 1912 ou 1913, que só seriam publicados em 1918 e que, curiosamente, segundo o próprio Pessoa, foram uma tentativa de escrever à maneira de Shakespeare; o poema “Antinuous”, de 1915; “Inscriptions”, datado de 1920; e “Epithalamium” de 1913. Esses poemas foram reunidos sob o título de *English poems I, II e III*. Mais tarde, na revista inglesa *The Athenaeum*, Pessoa publicaria o poema “Meantime” aos 30 de janeiro de 1920. Seu heterônimo, Thomas Crosse, traduziu para o inglês alguns poemas de *O Guardador de Rebanhos (The Keeper of Sheep)*, além de ter escrito um longo prefácio sobre essa obra.

Outro ponto que confirma o débito pessoano para com a cultura inglesa é o fato de, em sua carreira literária, ele jamais haver desistido de se apresentar como poeta inglês, tendo, inclusive, retirado o acento circunflexo que originalmente havia em seu nome – Pessôa – com o objetivo de torná-lo mais “cosmopolita”. Em março de 1923, publicou, em Portugal, na Revista *Contemporânea*, o poema “Spell”. Álvaro de Campos, um dos heterônimos que mais se aproxima do poeta ‘ele-mesmo’, ‘fez seus estudos de engenharia em “Glasgow”, e a *Ode Triunfal*, talvez o seu poema mais eminentemente inspirado em Whitman, foi escrito em “Londres”.

Mesmo em seu último suspiro, pouco antes de morrer, Fernando Pessoa pediu uma folha de papel para escrever suas últimas palavras. Não foi a língua portuguesa a escolhida para esse momento de despedida, mas sim, mais uma vez, a língua inglesa, que havia iniciado seu caminho literário e que agora o fechava com a frase: “*I know not what tomorrow will bring*”⁶. Referir-se-ia o poeta ao futuro de sua obra, à repercussão de seus poemas no mundo que os recebeu durante sua vida de forma tímida e pouco acolhedora? Ou, ainda, questionava ele o destino de sua alma após a passagem para o outro lado, uma problemática metafísica tantas vezes presente em sua produção literária? Seja qual for sua verdadeira indagação, não teria sido ele inconscientemente inspirado pelos sintagmas que adornam a parte final do longo poema de Whitman, *The Sleepers*⁷, cujo tema – a noite – tanto se aproxima da indefinição da morte? “*I know not how I came of you, and I know not where I go with you...*”⁸

⁶ Não sei o que trará o amanhã

⁷ Os Adormecidos

⁸ Não sei como vim de você, nem sei aonde vou com você...

Parece-nos bastante claro que todos esses fatos contribuem para enfatizar e confirmar a importância do idioma inglês em sua vida, tanto do ponto de vista biográfico, quanto ao que concerne sua produção artística.